



## LINGUAGEM DIGITAL E PRODUÇÃO DE CONTEÚDO: CRIANDO ESPAÇOS PARA A ESCRITA AUTORAL NO ENSINO MÉDIO

Digital language and content production: creating spaces for authorial writings in high school

Roseli Rodrigues de Araujo Santos

Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná/Prof.Filo/Núcleo Unimontes; professora da rede estadual de ensino de Minas Gerais.

[rosaraujos@hotmail.com](mailto:rosaraujos@hotmail.com)

Péricles Pereira de Sousa

Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de São Carlos/UFSCar; Professor do departamento de filosofia da Universidade Estadual de Montes Claros/Unimontes e do Mestrado Profissional em Filosofia/Prof.Filo/Unimontes.

[pericles-sousa@outlook.com](mailto:pericles-sousa@outlook.com)

**Resumo:** É fato que a potência das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) contribui muito para o aumento da interação entre os jovens e as pessoas em geral. A linguagem digital utilizada como forma de comunicação, para grande parte dos usuários, não passa de sinais e símbolos ou até mesmo palavras que reproduzem conteúdos já prontos e disponibilizados na internet. Por meio de uma pesquisa realizada na Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro em Montes Claros-MG, constatamos que muitos estudantes passam a maior parte do seu tempo conectados à internet em jogos ou redes sociais. Na maioria das vezes eles utilizam esses recursos tecnológicos indiscriminadamente e exploram o ambiente virtual sem refletir sobre o conteúdo ao qual estão expostos. A partir dos resultados dessa pesquisa julgamos necessário adotar uma metodologia de ensino e desenvolver um plano de ação a ser implementado em sala de aula, na tentativa de melhorar a nossa prática pedagógica. Com isso desenvolvemos um Projeto Educacional de Intervenção (PEI) com o objetivo de promover e incentivar a escrita autoral por parte dos estudantes nas aulas de filosofia. Trata-se da criação de uma Revista de Filosofia - *Novas Ideias*, para o Ensino Médio, que tem como finalidade a publicação e compartilhamento de conteúdo produzidos pelos estudantes secundaristas da nossa escola. Nesse sentido, ao utilizarmos as novas tecnologias como ferramentas no sistema educativo, estamos fazendo uso de um instrumento que tem uma grande potencialidade e que pode contribuir com a formação desses jovens, desenvolvendo também a criatividade e a percepção deles sobre a realidade. Enfim, é um modo de reinterpretar, re-significar e melhor se apropriar desses novos recursos.

**Palavras-chave:** Linguagem digital. Metodologia de ensino. Produção de conteúdo. Escrita autoral.

**Abstract:** It is a fact that the power of New Information and Communication Technologies (NTICs) contributes greatly to increased interaction between young people and people in general. The digital language used as a form of communication, for most users, is just signs and symbols or even words that reproduce content that is already available on the Internet. Through research conducted at the Professor Plínio Ribeiro State School in Montes Claros-MG, we found that many students spend most of their time connected to the internet on games or social networks. Most of the time they use these technological resources indiscriminately exploit the virtual environment without reflecting on the content to which they are exposed. From the results of this research we believe it is necessary to adopt a teaching methodology and develop an action plan to be implemented in the classroom, in an attempt to improve our pedagogical practice. With this we developed an Educational Intervention Project (PEI) with the objective of promoting and encouraging the authorial writing by the students in philosophy classes. This is the creation of a Magazine of Philosophy - New Ideas for High School, which aims to publish and share content produced by the high school students of our school. In this sense, by using new technologies as tools in the education system, we are making use of an instrument that has great potential and that can contribute to the formation of these young people, also developing their creativity and their perception of reality. Finally, it is a way of reinterpreting, re-meaning and better appropriating these new features.

**Keywords:** Digital language. Teaching methodology. Content production. Author writing.

### **O uso das tecnologias da comunicação e da informação como recursos didáticos.**

Seguindo inicialmente as reflexões do filósofo Pierre Lévy, pode-se dizer que as tecnologias da comunicação e da informação representam mais uma ferramenta que pode contribuir com a tarefa de tornar o ensino da filosofia mais criativo. As tecnologias digitais promovem, no seu entendimento, uma mudança na perspectiva de uma aprendizagem cooperativa e dinâmica. O professor não seria mais somente um transmissor do conhecimento e sim alguém que busca incentivar a aprendizagem e o pensamento autônomo. (LÉVY, 1999, p. 173). As novas tecnologias digitais, segundo o autor, além de prolongar determinadas capacidades cognitivas humanas, possibilitam também novas formas de criação coletiva e de aprendizagem cooperativa e colaborativa em redes no *ciberespaço*. Entende-se que essa seria uma boa oportunidade para repensar e desenvolver um ensino de filosofia voltado para a problematização das experiências cotidianas, visto que os jovens, atualmente, estão conectados e vivenciando diversas experiências no ambiente virtual, no *ciberespaço*.

Essas novas ferramentas, que impulsionaram o desenvolvimento da linguagem e da comunicação nos últimos tempos, podem contribuir significativamente para processo de ensino-aprendizagem, despertando o interesse por conteúdos mais relevantes e melhorando as condições para o desenvolvimento da criação da escrita autoral. É desafiador o processo de

criação ou recriação de conceitos, mas acreditamos ser possível pensar com o uso das novas tecnologias e todos os recursos multimídias agregados a elas. Contudo, é necessário que o professor de filosofia possa se adequar e passar a fazer uso desses novos espaços de comunicação e das mais diversas ferramentas tecnológicas, a fim de provocar reflexões e estimular os estudantes a se apropriarem dessa nova linguagem, criando ou recriando novos conceitos.

Os recursos tecnológicos não são meramente recursos didáticos a serem explorados pedagogicamente como máquinas de ensinar, são na verdade, segundo Lévy, “como instrumentos de comunicação, de pesquisa de informações, de cálculos, de produção de mensagens (textos, imagens, som) a serem colocados nas mãos dos estudantes.” (LÉVY, 1999, p. 174) Mesmo assim, o crescente e contínuo uso das tecnologias digitais, pode estimular e potencializar o processo de comunicação e interatividade, bem como nossas práticas de ensino, mas nos desafia a pensar e questionar práticas habituais dentro do sistema educativo institucional. Sem dúvidas, as tecnologias digitais permitem um prolongamento das capacidades cognitivas humanas (memória, imaginação, percepção) redefinindo seu significado. No entanto, tentar acompanhar essas mudanças e manter uma prática pedagógica atualizada não é tarefa fácil, tudo isso redefine o alcance e o significado das capacidades cognitivas dos indivíduos, especialmente dos estudantes, na forma como a aquisição do saber se configura na atualidade.

Pensando a partir daí, podemos inferir que o papel do professor de filosofia, em tempos virtuais, talvez seja ainda muito mais desafiador. Faz-se necessário a adoção de novas metodologias e estratégias de ensino as quais envolvam as novas tecnologias, essa demanda pede uma nova postura dos educadores. Para Lévy, o professor deve atuar como alguém que estimula a inteligência dos seus estudantes e não apenas um fornecedor direto de conhecimentos prontos, pois, as próprias tecnologias digitais já fazem isso com bastante eficácia. O papel do professor, como ele mesmo afirma, é “torna-se um animador da inteligência coletiva dos grupos que estão a seu encargo.” (LÉVY, 2010b, p. 173)

Sendo assim, nossas atividades devem ser direcionadas ao acompanhamento e gestão das aprendizagens dos estudantes, além de fomentar a troca de saberes e mediar as ações que orientam os percursos da aprendizagem que pode ser mais cooperativa. Também para o filósofo e educador Sílvio Gallo, a função do professor, nesse cenário, seria, então, de um intercessor, aquele que possibilita a criação ou a recriação dos conceitos.

Para tratarmos de questões em torno das estratégias e das possibilidades do ensino de filosofia como criação de conceitos nos dias atuais, é necessário analisar a influência das novas tecnologias e como elas seriam um instrumento que pode subsidiar o ensino de filosofia e a educação em geral. Conforme Lévy, devemos escapar da crítica vazia ao domínio da tecnologia e, a partir daí, sermos capazes de apropriarmos dessa nova ferramenta e encontrar caminhos para o desenvolvimento de uma nova prática educativa. Tanto para Lévy quanto para Gallo, o professor seria o principal responsável pela mudança que se espera. O seu papel seria o de um mediador, aquele que estabelece uma relação entre o educando e os problemas que geram a reflexão. A aula de filosofia precisa ser um espaço de experimentação e de atividades práticas no qual o estudante não seja mero expectador, e sim produtores e criadores.

Segundo Vani Kenski, em sua obra *Educação e Tecnologia*, a escola deveria ser um ambiente favorável e aberto a essas inovações. De acordo com ela, “as TICs e o *ciberespaço* podem ser transformados em um novo espaço pedagógico, porque oferecem grandes possibilidades e desafios para a atividade cognitiva, afetiva e social dos alunos e professores.” No entanto, “para que isso se concretize”, ressalta a autora, “é preciso olhá-los de uma nova perspectiva.” Pois, o uso que se faz dos computadores e da *internet* nas escolas ainda é muito limitado e insuficiente, servem apenas como fontes de informação e como ferramentas para a realização de tarefas mecânicas em sala de aula. (KENSKY, 2007, p. 66).

Ainda conforme a autora, atualmente, por meio da “*internet* e das redes digitais, a informação e a interação ocorrem em tempo real, o que a torna mais dinâmica e fluida.” E, para nós professores, é importante compreender todo esse processo de mudança que ocorre atualmente, ademais, “a linguagem digital, (...) possibilita também maior autonomia, já que a presença física não seria um fator importante e imprescindível.” (KENSKY, 2007, p. 66) As Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) propiciaram a criação e a utilização dos sistemas de hipertexto e hiperídia, ferramentas que não só potencializam a comunicação como também mudam comportamentos e atitudes dos seus usuários. (RECUERO, 2009, p.118) Notoriamente, os nossos jovens já usam com bastante naturalidade todas essas ferramentas, mas acreditamos que é preciso incentivá-los e, mais que isso, orientá-los a escrever, produzir conteúdo e a utilizarem cada vez mais esses recursos tecnológicos como forma de expressão de suas próprias ideias e experiências.

## **O uso da internet pelos adolescentes e jovens: análise de resultados**

Procurando entender melhor todo esse processo de transformação e os novos hábitos de vida na sociedade atual, mediados pelas novas tecnologias, realizamos uma pesquisa com alguns adolescentes e jovens da nossa escola. Trata-se de uma pesquisa sobre o tema “O uso da *internet* pelos adolescentes e jovens” realizada com 61 estudantes dos 2ºs e 3ºs anos do ensino médio do turno matutino, da Escola Estadual Professor Plínio Ribeiro, da cidade de Montes Claros – MG. A intenção era coletar dados que revelassem possíveis hábitos dos adolescentes e jovens, no contato com as redes sociais e as demais formas de comunicação por meio da *internet*. Esses dados coletados, de certo modo, comprovam e demonstram situações muito comuns e que temos presenciado, cotidianamente, no ambiente escolar. Notamos que o tempo despendido para o uso da *internet* é bastante significativo e, geralmente, mais direcionado para o entretenimento. Eles utilizam a *internet* muito mais para jogos e visitas a *sites* e páginas de celebridades, ou mesmo para se comunicarem normalmente no dia a dia, e muito menos para pesquisas que possam agregar novos saberes.

Apresentaremos em seguida alguns dados dessa pesquisa que foram analisados à luz de algumas teorias, dando maior destaque para a autora Cláudia Priostes que, em seu livro, *O adolescente e a internet*, faz uma reflexão sobre os possíveis efeitos do uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) na constituição da subjetividade do sujeito contemporâneo.

O nosso público alvo é composto por adolescentes e jovens de 14 a 18 anos. Como podemos notar, estamos lidando com adolescentes e jovens ainda em processo de formação de suas personalidades. E parte desse processo de formação se dá por meio do convívio diário com aparelhos eletrônicos, como celulares e computadores, que possibilitam o acesso à *internet* quase o tempo todo. Essa disponibilidade constante dos aparelhos eletrônicos, segundo Priostes, interfere diretamente na formação de novos hábitos de consumo e mesmo no rendimento escolar. De acordo com a autora, existe um sistema de dominação onipresente, operando de maneira direta no inconsciente dos jovens e adolescentes. Conforme ela mesma afirma

Com a indústria cultural, os mecanismos de formação de opiniões, atitudes, crenças e valores passaram a agir diretamente na personalidade dos indivíduos, com cada vez menos interferência das instituições sociais. Isso

nos faz refletir a respeito da formação dos adolescentes contemporâneos e a maneira pela qual os interesses econômicos atuam como formadores de opiniões, valores, atitudes e crenças juvenis, utilizando estrategicamente os produtos tecnológicos para estes fins.<sup>1</sup> (PRIOSTES, 2016, p. 35).

Como bem observa Priostes, o mercado promove o agenciamento das relações intersubjetivas conforme seus próprios interesses. Fator que certamente interfere na formação e construção da subjetividade dessa juventude ávida por novidades. A consequência mais importante dessa exposição consiste em uma manipulação ideológica e uma possível atrofia da imaginação, haja vista que oferecem imagens e conteúdos prontos e muito atrativos para serem consumidos facilmente. Contudo, é preciso buscar entender não apenas os efeitos e consequências da *internet* na constituição subjetiva dos adolescentes, do processo de assujeitamento, mas também buscar orientá-los, tanto na escola, com projetos pedagógicos mais atrativos, quanto na família, por meio do diálogo mais aberto e informativo.

A maioria dos que responderam às perguntas da nossa pesquisa, cerca de 72% , são do sexo feminino, contudo, tanto para as meninas quanto para os meninos, em muitos casos, a exposição excessiva da intimidade, a necessidade de se fazer perceber nas redes como uma forma de provar a existência, a dedicação de grande parte do tempo aos jogos virtuais *on-line* e eletrônicos ou o desenvolvimento de atividades lúdicas somente no ambiente virtual, podem provocar no jovem um distanciamento de sua própria experiência interior. Essa condição pode ocasionar riscos e trazer consequências mais sérias, como por exemplo, dificuldades de concentração, baixo rendimento de aprendizagem e pouca interação social. Fatores que podem impedir o processo reflexivo e fazer com que o adolescente possa ver a si mesmo como alguém no mundo, além disso, pode diminuir a capacidade de tomar decisões na sua própria vida. (PRIOSTES, 2016, p. 164)

Outro dado importante é que a grande maioria dos adolescentes, aproximadamente 98,4%, afirma que acessam a internet e as redes sociais por meio do aparelho celular. Segundo Priostes, “com o surgimento dos *smartphones*, os jovens não precisam mais abrir o

---

<sup>1</sup> Cláudia Priostes toma referência o conceito de “Indústria cultural” de Adorno e Horkheimer. Segundo ela, “No artigo ‘A indústria cultural: o esclarecimento como mistificação das massas’, Adorno e Horkheimer descrevem o processo de dominação ideológica enfatizando principalmente dois mecanismos: a manipulação retroativa das necessidades e a expropriação do pensar. A manipulação retrativa consistiria em planejar a programação cultural seguindo supostas necessidades do público. (...) Com relação à expropriação do pensar, isto se daria de maneira sutil, por meio de induções perceptíveis e da cooptação de esquemas prévios do pensamento.” (PRIOSTES, 2016, p. 35)

computador e acessar a internet para conectar-se às redes sociais, pois eles se mantêm conectados o tempo todo por meio desse equipamento.” (PRIOSTES, 2016, p. 151) Para Priostes, “a cibercultura pode ser compreendida como uma nova modalidade de interação subjetiva que se estrutura na interconexão homem máquina.” (PRIOSTES, 2016, p. 139).

Ao serem questionados com a pergunta, com qual frequência você utiliza a internet?, 59% responderam que frequentam ou utilizam a internet mais de 5 horas por dia. O tempo que os adolescentes e jovens passam diante das telas do computador e do celular é bastante significativo. Principalmente se considerarmos que a maior parte deles acessam a internet para lazer, entretenimento e redes sociais. Apenas uma minoria, cerca de 18%, costumam acessar para trabalhos e pesquisas escolares. Observamos ainda que 85,2% afirmaram que acessam a internet todos os dias da semana. De fato, essa frequência e tempo em que permanecem conectados e acessando a internet é bastante significativa e massiva. Isso pode caracterizar uma dependência ou, como é chamada no meio virtual, “ciberdependência”, já que alguns desses jovens passam muitas horas por dia em jogos e mesmo noites inteiras em batalhas virtuais. Priostes associa esse comportamento atual “do uso problemático de computador, principalmente entre os meninos entre 12 e 15 anos”, com um aumento considerável de “famílias que solicitavam ajuda de psicólogos” para ajudarem os filhos que se encontram presos nessa rede.

Percebe-se nitidamente que a atividade mais frequente na internet é mesmo o acesso às redes sociais, mas, em seguida, aparecem os jogos *on-line*, o canal de vídeos *YouTube* e ainda outros vídeos de humor, terror e mesmo de conteúdos pornográficos. É importante estar alerta e observá-los sempre. Sabemos, contudo, que a portabilidade e mobilidade dos aparelhos eletrônicos e da internet, aliadas à falta de tempo dos familiares, dificultam esse acompanhamento. Sobre a finalidade dos acessos à internet, Priostes entende que o ciberespaço, dependendo de como ele é utilizado, pode se tornar um local de alucinação coletiva, tornando-se uma janela aberta para um mundo de dados, onde a vida real e o imaginário se misturam. Seria um trânsito constante de pessoas, avatares, informações, dinheiro, dados e comércio extremamente fascinante e cativante, capaz de seduzir os cérebros. Para ela, o mundo virtual é como um “templo virtual” onde tudo pode ser mostrado, exibido e compartilhado. (PRIOSTES, 2016. p. 66-67)

Através da pergunta, você utiliza alguma rede social? Com que frequência?, sabemos também que 70,5% deles usam cotidianamente o aplicativo *WhatsApp* outros 21,3%

*Instagram*. Essa estatística demonstra uma tendência de acessos predominantemente das redes sociais para fins de comunicação instantânea e compartilhamento de conteúdos aleatórios. Conforme afirma Priostes, precisamos conhecer o modo como a *internet* está presente no cotidiano dos adolescentes, quais atividades são mais realizadas por eles e como esse ambiente pode influenciar o rendimento escolar, as relações interpessoais e, ainda, o convívio familiar. (PRIOSTES, 2016, p. 115). Certamente, tudo isso afeta o processo de construção da subjetividade dessas crianças, adolescentes e jovens. Inevitavelmente, os efeitos dessa intensa exposição podem ser percebidos em comportamentos hiperativos, irritabilidade, compulsão por jogos, alimentos, bebidas e, até mesmo, por drogas. Na escola, manifestam falta de interesse, dificuldades de atenção e defasagem de aprendizagem. (PRIOSTES, 2016 p. 73).

Sobre a pergunta, você produz algum conteúdo para ser divulgado na *internet* ou nas redes sociais? Quais?, a maioria dos estudantes, mais precisamente 59%, respondeu que não. Essa realidade apresentada pelos adolescentes em suas respostas torna visível e acaba por confirmar a nossa suspeita em relação à produção de conteúdos autorais. Nesse aspecto, fica evidente que existe uma absorção de conteúdos prontos e que são reproduzidos e compartilhados por todos. Configura-se uma realidade de pouco repertório autoral, reducionismo de frases prontas alimentadas por uma estratégia mercadológica que induz o comportamento e manipula as informações por meio de um mapeamento estratégico de suas preferências. Geralmente, nossos jovens frequentam a *internet*, as redes sociais ou simplesmente vagueiam por diversos *sites* em busca de uma resposta pronta e conteúdos já elaborados para as questões existências e que possam atender suas demandas cotidianas e rotineiras.

Devemos considerar o fato de que quanto maior for o tempo que o adolescente passa conectado à *internet* menor será o tempo que se tem para pensar e maior é o distanciamento da linguagem escrita formal e da leitura de outras formas de linguagens tradicionais. A hipótese é que há um “empobrecimento linguístico” dessa nova geração. Isso se constata mediante os tipos de conteúdo, linguagem e acessos que geralmente são realizados pelos jovens. Por exemplo, a simplificação de palavras (não = n, sim = s, beleza = blz, você = vc, que = q, conversa = cvs e outras tantas) e o uso constante de *emoticons* ou *emojis* que expressam sentimentos (raiva, alegria, humor, contentamento ou descontentamento, amor, paixão, encantamento, surpresa, perplexidade, repulsa, etc.), ou então diversas outras situações e atividades que, hodiernamente, desempenham e desenvolvem nas redes sociais.



Mesmo sendo uma linguagem figurativa, ela se apresenta com algum sentido ou significado dentro de um determinado contexto, porém, esboçam reações imediatas, sem muita estrutura formal o que, certamente, não permite maiores reflexões futuras ou até mesmo no momento presente. Quanto a isso, afirma Priostes que “a percepção da realidade e a capacidade de pensar sobre ela tenderiam a se tornar cada vez mais subjugadas pelas forças sutis e sedutoras dos mecanismos de cooptação postos em ação pelo mercado.” (PRIOSTES, 2016, p. 36) Por isso, o processo de constituição subjetiva do adolescente e do jovem é largamente afetado diante das várias atrações e fantasias ofertadas no ambiente virtual, onde “os cérebros são absorvidos pelos infundáveis apelos de publicidade, enquanto o tempo de pensar, o da memória e da reflexão, tornam-se (sic) mais e mais reduzido, implicando consequências sérias para a educação.” (PRIOSTES, 2016, p. 47)

O que ocorre, na maior parte das vezes, é uma dominação psicológica dos sujeitos por parte dessas instituições que manipulam e constroem desejos. Ainda conforme Priostes:

a *internet* é comandada por uma complexa trama de poderes e interesses públicos, privados e militares, centralizada nos Estados Unidos. Essa rede de poderes tem promovido uma neocolonização, na qual os cérebros disponíveis no mundo inteiro são cooptados, colonizados, gerando lucros para um número específico de empresas. (PRIOSTES, 2016, p. 59).

Percebemos que os hábitos dessa nova geração estão sendo condicionados por uma indústria cultural perversa, que só visa à obtenção de lucros, com a propagação de conteúdos prontos, cuja finalidade seria causar a impressão de que fazem escolhas, quando, na verdade, esse acesso se configura dentro de um padrão estabelecido previamente, fomentado e imposto com a finalidade de obter os resultados econômicos esperados. Diante dessa realidade, de tamanha exposição desses jovens no ambiente virtual, fica evidente que o papel da escola e da família é fundamental para que eles possam ser bem orientados em suas ações diárias, redirecionando-os para desenvolverem atividades de pesquisa que possam agregar novos saberes e mais autonomia em suas relações com o outro na sociedade.

Nesse sentido, o intuito do nosso projeto de intervenção – Revista de filosofia *Novas Ideias* – é promover o incentivo à pesquisa, à leitura e à produção de conteúdo por meio dessas ferramentas digitais. Esse conteúdo, que poderá ser compartilhado, pode estimular

outras práticas pedagógicas que valorizem o pensar, a reflexão e a criatividade dos nossos estudantes.

A maior parte do tempo que os jovens e adolescentes passam navegando ou explorando a *internet* não é direcionado para atividades de pesquisas que agregariam novos saberes para o desenvolvimento pessoal e menos ainda para estabelecer laços sociais que sejam mais consistentes. Como bem observa Priostes, quanto maior a permanência no ambiente virtual ou *ciberespaço*, mais os jovens e adolescentes valorizam um mundo fantasioso, onde as fronteiras entre o real e o virtual não são bem definidas. Mas, o que seria possível fazer na condição de pais e educadores desses adolescentes e jovens? Nesse sentido, só mesmo mediante uma relação de confiança, muito diálogo e informação será possível atenuar os possíveis danos ao desenvolvimento da personalidade desses adolescente e jovens.

Sendo assim, procuramos incentivar os nossos estudantes a fazer uso desses aparelhos também como ferramentas de pesquisa e para a busca de informações relevantes para se produzir seus próprios conteúdos, é uma forma de dar voz ao estudante e isso significa escutar suas angústias, medos, expectativas e sonhos, tão presentes nessa fase da vida. Contudo, também é uma tentativa de fazer prevalecer a ideia de que as novas tecnologias podem e devem ser utilizadas para fins produtivos e em nome da evolução e do crescimento dos indivíduos, especialmente dos nossos adolescentes e jovens.

A partir dos resultados da pesquisa, podemos então inferir que as proposições e ideias elencadas por Pierre Lévy, referentes ao ambiente virtual ou o *ciberespaço* como um ambiente propício ao crescimento da inteligência coletiva, não correspondem à realidade vivenciada por grande parte dos nossos estudantes adolescentes, na atualidade. Contudo, não se trata de simplesmente desconsiderar o grande potencial de comunicação, interação social e saberes proporcionados pelo desenvolvimento das TICs, mas de repensar o modo como elas fazem parte dessa realidade da maioria dos adolescentes e como elas podem servir para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos, o crescimento da inteligência coletiva por meio do compartilhamento de dados e informações que são imprescindíveis ao nosso crescimento. E, mais ainda, tentar entender como elas podem nos ajudar a estabelecer relações intersubjetivas que sejam mais consistentes e propensas ao crescimento das inteligências coletivas.

Segundo Lévy, não existe um caos no *ciberespaço*, pois, “a rede é antes de tudo um instrumento de comunicação entre indivíduos, um lugar virtual no qual as comunidades ajudam seus membros a aprender o que querem saber”, mas também nos alerta afirmando

que: “toda inteligência coletiva no mundo jamais irá prescindir da inteligência pessoal, do esforço individual e do tempo necessário para aprender, pesquisar, avaliar, integrar-se às diversas comunidades, mesmo que virtuais. A rede jamais pensará em seu lugar, e é melhor assim.” (LÉVY, 1999, p. 253) Como expressa o nosso autor, faz parte da natureza e condição de cada indivíduo o ato de pensar, pesquisar, conhecer e dar a melhor direção às próprias ações. Nossa tarefa inclusive, enquanto educadores, é buscar, incessantemente, orientar e alertar a nossa juventude quanto ao bom trato com as tecnologias digitais de nossa época, porém, todos nós, de modo geral, temos a grande responsabilidade de pensar e dar sentido a essa realidade.

### **Metodologias e estratégias para implementação do projeto de intervenção: *Revista de Filosofia - Novas Ideias***

A experiência com a disciplina Filosofia no Ensino Médio nos levou a perceber que alguns estudantes já produziam trabalhos interessantes (poemas, desenhos, etc.) a partir dos temas e conceitos filosóficos trabalhados em sala de aula. A ideia da revista surgiu diante da necessidade de valorizar e tentar dar visibilidade a esse conteúdo já produzido por eles de modo espontâneo. Sendo assim, o nosso objetivo com a criação da *Revista de Filosofia Nova Ideias* é, além de compartilhar ideias, incentivar outros estudantes a produzirem também novos conteúdos. Assim, o nosso propósito foi o de oportunizar o protagonismo e a autonomia de pensamento dos estudantes, utilizando, para isso, os recursos tecnológicos como os celulares, computadores, redes sociais, etc. São recursos que eles já possuem e fazem uso quase que o tempo todo com muita habilidade e domínio.

Nesse sentido, devemos destacar que o uso da *internet* e das novas tecnologias, não só como fonte de pesquisa, mas principalmente como instrumento de criação e comunicação interativa, facilitou enormemente a construção de todo o material que está sendo publicado e divulgado em nossa revista. Por meio da *internet* e dessas novas ferramentas tivemos acesso a documentos institucionais (leis, decretos, dados estatísticos e outros), livros, documentários, filmes, vídeos, *blogs*, artigos acadêmicos e materiais diversos, que foram essenciais para bem fundamentar o conteúdo dos trabalhos realizados pelos estudantes, pois, além de favorecerem um melhor acesso à informação, também contribuíram para o desenvolvimento de novos saberes.

Para o desenvolvimento do Projeto Educacional de Intervenção, Revista de filosofia *Novas Ideias*, foi realizada uma apresentação e a discussão do projeto da revista nas turmas que atuo como docente. Já nesse primeiro momento, foi possível perceber que a ideia do projeto foi muito bem aceita pela comunidade escolar como um todo, sobretudo pelos estudantes, pois eles se mostraram interessados, empolgados e muito dispostos a participarem das atividades.

Em princípio, estava prevista a abertura de um edital para a escolha de um nome e logotipo para a revista. Contudo, o nome surgiu de várias conversas com os próprios estudantes nos intervalos das aulas e por meio de troca de mensagens via redes sociais. A partir de alguns nomes sugeridos, chegamos ao nome *Nova Ideias – Revista de Filosofia*. Esse nome nos pareceu muito adequado e conforme o objetivo do nosso projeto que visa despertar nos estudantes o interesse em produzir “novas ideias”, por meio da escrita autoral.<sup>2</sup>

Apesar das dificuldades encontradas em relação à disponibilidade de recursos e instrumentos tecnológicos como *Datashow* e computadores (o que normalmente ocorre na maioria das escolas públicas do nosso país), nós conseguimos avançar com nossa proposta de modo satisfatório. Todo o nosso esforço ao longo do ano esteve direcionado para mobilização e incentivo dos estudantes do Ensino Médio para leitura, reflexões e principalmente para escrita de gêneros textuais diversificados. Além dos textos filosóficos que utilizamos no dia a dia em nossas aulas recorreremos também a textos não filosóficos e a outros materiais (textos informativos e literários sobre temas e questões do cotidiano; textos jornalísticos, músicas, poesias, crônicas, artigos, resenhas de filmes e documentários, vídeos, charges, etc.). Também foram feitas pesquisas diversas, sobre documentos oficiais tais como leis, decretos e dados estatísticos do governo e de Organizações Não-Governamentais (ONGs).

A *Revista de Filosofia Nova Ideias* foi organizada em diversas seções conforme as temáticas e gêneros textuais produzidos pelos estudantes. Os textos apresentados na primeira seção são artigos e todos eles estão relacionados ao tema Política e Cidadania desenvolvido com os 3ºs anos da escola. É importante salientar ainda que os temas e assuntos abordados em cada artigo foram escolhidos conforme o interesse de cada grupo que buscaram analisar, com

---

<sup>2</sup>Segundo Rodrigues: “O processo de ensino e aprendizagem da filosofia corresponde ao exercício do filosofar ou a prática pessoal da atividade filosófica, cuja principal característica é a de criar, de produzir, de inventar novos saberes e novas práticas (filosóficas) e que se configura como uma experiência crítico-criativa do pensamento e da ação filosóficas.” (RODRIGUES, 2014, p. 46),

mais critério, algumas questões que estão presentes e perceptíveis na vida cotidiana de todos nós e em nossas ações, de modo geral. Os ensaios foram organizados a partir de produções de textos argumentativos a respeito de temas discutidos em sala de aula e que foram propostas de atividades direcionadas a todos os alunos dos 2ºs anos. Para a realização das “entrevistas” os estudantes se organizaram em equipes e fizeram pesquisas em sobre alguns pensadores em *sites da internet* e no próprio livro didático. Essas pesquisas foram apresentadas em sala de aula e debatidas entre todos os demais estudantes. Há também a seção painel de ideais, na qual os estudantes expressaram suas opiniões sobre a liberdade nas redes sociais. E, por fim, tivemos uma demonstração de talento e sensibilidade dos nossos estudantes por meio dos poemas sobre o tema Liberdade. Esses poemas também foram expostos em um painel/mural na escola durante a nossa feira de ciências, em novembro de 2018.

Importante também salientar que todos os artigos, entrevistas, ensaios, poesias e outros que compõem o conteúdo da Revista, estão relacionados aos temas já delimitados anteriormente e estão de acordo com o projeto pedagógico da disciplina Filosofia (CBC- Currículo Básico Comum - Filosofia) do governo do Estado de Minas Gerais que orienta os trabalhos a serem desenvolvidos com a disciplina durante o Ensino Médio. Outro importante material que merece ser destacado aqui se refere aos vídeos produzidos pelos estudantes dos segundos anos sobre o tema: Respeito a diversidade religiosa. Embora não seja possível incluí-los em nossa revista, consideramos importante deixar aqui registrado, pois é mais uma demonstração de como essas novas tecnologias podem ser manuseadas pelos estudantes também para pesquisar, produzir conteúdo e estimular a reflexão crítica.<sup>3</sup>

Além disso, todos os textos e conteúdos que foram produzidos pelos estudantes passaram por correções e adaptações para se adequarem às normas técnicas (ABNT no caso dos artigos) e ao formato da nossa revista. Esse trabalho de análise, seleção e adequação do material recebido para publicação foi realizado basicamente durante todo o segundo semestre de 2018. Durante esse processo de correção e análise foi muito comum observar que muitos alunos estavam pesquisando na internet, mas que estavam fazendo cópias de conteúdos prontos para ser entregue, portanto, o nosso trabalho também inclui uma verificação e uma orientação nesse sentido. Com esse trabalho concluído e de posse desse material pronto, encaminhamos para o processo de editoração. É importante aqui registrar que os trabalhos

---

<sup>3</sup>Os vídeos foram produzidos usando aplicativos para criar vídeos no celular, como por exemplo, o aplicativo Vídeo show. São aplicativos bem interessantes, com eles é possível editar os vídeos realizando cortes, inserindo filtros, áudios, textos e fotos. Esses vídeos também foram compartilhados pelos estudantes nas redes sociais.

publicados não são a totalidade dos que foram realizados durante o ano, foi necessário fazer uma seleção prévia e optar por alguns que poderiam representar os demais. Alguns deles, durante o processo de correção, ficaram dispersos e não disponíveis a tempo para serem adaptados e inseridos como conteúdo da revista.

A nossa proposta é divulgar para a comunidade escolar o trabalho realizado pelos nossos estudantes. Serão distribuídos alguns exemplares impressos da revista, feitos mais especialmente para os estudantes-autores e para a biblioteca da escola. Conforme a nossa proposta inicial, também disponibilizaremos a revista no formato digital na *internet* com opção para *download* e compartilhamento em redes sociais tais como *facebook*, *whatsapp* e outros. Essa versão digital da revista que será disponibilizada, certamente pode ser mais atrativa e acreditamos que terá uma abrangência maior, já que nosso público possui enorme familiaridade com essas ferramentas e permanecem, como vimos na pesquisa, por longos períodos, ao longo do dia, conectados ao mundo virtual.

O nosso maior desafio, ao desenvolver esse projeto, é propor alternativas para que esse espaço virtual não seja utilizado apenas para o entretenimento, mas que também possa ser aproveitado para aprender e compartilhar conteúdos de qualidade com uma linguagem mais formal, porém leves e voltados para temáticas que vão em direção ao interesse da grande maioria dos jovens. Na chamada era digital ou nos tempos hipermodernos, o trabalho com a linguagem digital ou com o chamado hipertexto deve ser constante, pois a velocidade com que as informações chegam é assustadora e mal conseguimos processá-las. Segundo Lévy, “as linguagens humanas virtualizam o tempo real, as coisas materiais, os acontecimentos atuais e as situações em curso. (LÉVY, 1996, p. 73) Por isso, acreditamos, assim como Lévy, que esse espaço, sem dúvida, deve ser otimizado constantemente para uma melhor compreensão dos fatos e situações do nosso cotidiano.

Outra situação que merece destaque é que grande parte do material é resultado de trabalhos em grupo, algo que contribuiu, sem sombra de dúvida, para uma maior interação dos estudantes, gerando o estímulo ao senso de cooperação e o espírito de colaboração, valores tão caros e necessários à sociedade atual. Importante ressaltar que, dentro desse mesmo propósito, além de estabelecermos um canal de comunicação via redes sociais (um exemplo disso é que os próprios alunos formaram grupos no aplicativo *WhatsApp* – Artigos de Filosofia – para troca de informações e para receber orientações e tirar dúvidas sobre o trabalho) com os estudantes. Também utilizamos o *e-mail*, outra ferramenta que facilitou

muito a nossa interação e o nosso contato com os estudantes, para o envio de informações, recebimento e correção dos trabalhos, ocorrendo, nesse sentido, uma mudança de atitude com relação às ações pedagógicas desenvolvidas e, conseqüentemente, as relações interpessoais dos nossos jovens estudantes.

Por fim, consideramos que o resultado foi muito satisfatório, visto que, orientados a pesquisar e produzir, os nossos estudantes demonstraram vontade, interesse e se sentiram valorizados e orgulhosos por tudo que produziram. Ficou perceptível que só o fato de saberem que existe uma revista de filosofia na escola por meio da qual eles podem dar publicidade às suas ideias já os motiva para futuras produções que estarão em um próximo número do nosso periódico *Nova Ideias – Revista de Filosofia*.

### **Considerações finais**

Diante do atual cenário em que vivemos, marcado essencialmente por uma constante evolução tecnológica, percebemos que as tecnologias digitais vêm impondo novos hábitos e novas condutas nas relações que estabelecemos em nosso dia a dia com as coisas e com as outras pessoas. Percebemos também que o processo de evolução da linguagem pode ser algo positivo, algo que possibilita o desenvolvimento de inteligências coletivas. Segundo Lévy, “quanto mais as linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de simular, imaginar, fazer imaginar um alhures ou uma alteridade.” (LÉVY, 1996, p. 72) Para Lévy, é possível usar esse novo espaço, ou como ele mesmo denomina de *ciberespaço*, e essas novas tecnologias para potencializar nossas ações, não apenas no campo da comunicação, que por vezes se dá de forma simbólica e empobrecida, mas em todas as nossas tarefas cotidianas e por que não falar no ambiente educacional. Confirmando esse ponto de vista, ele afirma ainda que “as verdadeiras relações, portanto, não são criadas entre ‘a’ tecnologia (...) e ‘a’ cultura (...) mas sim entre um grande número de atores humanos que inventam, produzem, utilizam e interpretam de diferentes formas as técnicas.” (LÉVY, 1999, p. 23).

Lévy também deixa evidente que toda e qualquer evolução é promovida pelos seres humanos e isso faz parte da nossa própria natureza e condição humana. Portanto, segundo ele, as técnicas não viriam de outro planeta ou do mundo das máquinas sem nenhuma emoção e valor, mas ao contrário, elas são imaginadas, fabricadas e reinterpretadas durante o uso delas

pelos homens. As tecnologias não estariam separadas da sociedade e de sua cultura, consistem em uma parte material e artificial dos fenômenos humanos. Somos nós quem atua e atribui sentido ao mundo e a todas as coisas nele existentes. Dessa maneira, a forma de ação é que vai fazer a diferença, portanto, tudo que é resultado de um processo de evolução, incluindo, principalmente, as novas tecnologias, as quais terão necessariamente influências ou interferências positivas ou negativas na vida dos indivíduos a depender do modo como se fazem uso desses recursos e ferramentas. Não esquecendo que essas novas tecnologias e a própria *internet* são ferramentas desenvolvidas por seres humanos, portanto, necessariamente são frutos do processo evolutivo e da criatividade humana.

A partir dessas inquietações, buscamos entender a realidade na qual se configura o ensino de filosofia e, assim, abrir possíveis caminhos para se pensar em estratégias e metodologias que pudessem auxiliar a atuação do professor de filosofia, em sala de aula. Temos inúmeros precedentes que configuram a realidade atual, quase sempre marcada pelo descaso, precariedade e até mesmo certa insignificância da disciplina propagada pelo sistema de ensino como um todo, em favor da formação e construção da subjetividade dos nossos jovens.

Mesmo constatando que ocorre um processo de agenciamento e cooptação dos sujeitos por essas novas ferramentas, seja nas atividades diárias, de lazer, de trabalho ou mesmo na educação escolar, constata-se que o uso que se faz dessas tecnologias, principalmente no campo educacional, nem sempre corresponde com as potencialidades que elas podem propiciar. O que percebemos na atualidade é que, se esse processo de formação não acontece também por intermédio da escola e do processo educativo com o auxílio da família, ele fica inteiramente a contento dos interesses das grandes corporações e empresas que se manifestam arditosamente por meio da mídia tradicional (rádio e televisão) e, de forma mais intensa, por meio das novas tecnologias da informação e comunicação que dão acesso “livre” à navegação na *internet*.

A partir dessas reflexões, percebemos a necessidade e a viabilidade de desenvolvermos uma prática pedagógica que fosse capaz de incitar o senso crítico, desenvolver a criatividade e produzir conteúdo por meio dessas novas tecnologias digitais. O trabalho pedagógico foi realizado e desenvolvido com êxito, mesmo com todas as dificuldades e demandas, e o resultado, ainda que parcial, está publicado na Revista Novas Ideias. Para que os objetivos desse projeto pudessem ser alcançados, foi necessário, além de



muita persistência e disposição, a realização de muitas pesquisas em diversos *sites* da *internet*, análise de textos filosóficos e informativos, documentos e outros, para a produção das atividades e textos publicados.

Durante todo esse processo, empenhamo-nos em motivar e incentivar os nossos estudantes, selecionando diversos gêneros textuais para serem discutidos em sala de aula, elaborando proposta de atividades para produção de vídeos, poemas, entrevistas, artigos acadêmicos e ensaios. Contudo, esperamos ainda fazer uma avaliação dos resultados, mediante a observação e a análise dos comentários sobre conteúdos publicados na revista, procurando modos de intervenção que auxiliem na melhoria de nossas ações pedagógicas, conseqüentemente, melhorando a cada novo número, o conteúdo a ser publicado na revista e, assim, dar continuidade ao nosso projeto. Entende-se que os meios de comunicação, mediante suas várias mídias, também possuem um potencial educativo, mas é preciso conhecê-los, explorá-los, para fazer uso deles de forma criativa e adequada, algo que também nos conduza ao processo reflexivo e que promova a autonomia dos adolescentes e jovens.

Esse trabalho é, portanto, o resultado de um grande esforço pessoal, mas que envolveu uma grande comunidade de atores sob influência de vários fatores. Primeiro, foi necessário desenvolver uma prática docente diferente do que já vinha sendo trabalhado ao longo de muitos anos com os estudantes do Ensino Médio. Segundo, o embasamento teórico advindo das pesquisas, discussões e debates em sala de aula e, ainda o trabalho dos próprios estudantes que abraçaram o projeto com muito entusiasmo. O resultado que estamos apresentando demonstra que o projeto é viável e que podemos contribuir bastante para que os nossos estudantes possam ir além da condição de reprodutores de conteúdos prontos que circulam na *internet* e que, acima de tudo, eles possam ocupar esse espaço também como autores, a partir da escrita autoral. Vale também destacar a relevância deste trabalho, pois, considero que abre uma nova “porta” ao ensino de filosofia e aponta novos caminhos para o uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) no processo educativo.

## Referências

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

CAMPANER, Sônia. **Filosofia; ensinar e aprender**. São Paulo: Saraiva, 2012.

CARRIJO, Alessandra da Silva. De como deve ser tratada a questão do Ensino de Filosofia. **Saberes**, Natal/RN, v. 2, n.esp, jun. 2011. Disponível em: <file:///C:/Users/NOTE/Downloads/1077-Texto%20do%20artigo-3570-1-1020110703%20(4).pdf>. Acesso em 20 de set.2017.

CARVALHO, M.; BENEDITO de Almeida Junior, J.; Gontijo, P. **Filosofia e Ensinar Filosofia**. São Paulo: ANPOF, p. 9-22, 2015. (Coleção XVI Encontro ANPOF).

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e A. A. Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciências da informação**, Brasília, vol. 28, nº. 3. Set. /Dez.de 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a4.pdf>> Acesso em: 25 de out. de 2017.

GABRIEL, Fábio Antônio. **A aula de Filosofia enquanto experiência filosófica**: possibilitar ao estudante de Filosofia “criar conceitos” e ou “avaliar o ‘valor’ dos valores”. 191 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia**: uma didática para o Ensino Médio. Campinas: Papyrus, 2012.

GELAMO, R.P. **O ensino da filosofia no limiar da contemporaneidade**: o que faz o filósofo quando seu ofício é ser professor de filosofia? São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. Disponível em: <<http://books.scielo.org>> Acesso em: 20 de outubro de 2018.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário Básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

JOHNSON, S. **Cultura da Interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas/SP: Papyrus, 2007.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. 4ª. ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência**: o futuro do pensamento na era da informática. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010a.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010b.

\_\_\_\_\_. **O Que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.

PRIOSTES, Cláudia. **O Adolescente e a Internet: Laços e Embarços no Mundo Virtual**. São Paulo: Editora Edusp, 2016.

RECUERO, Raquel. “Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és”: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, vol. 16, nº.38, abril de 2009. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309/3879>>. Acesso em 25 de out./ 2016.

RODRIGO, Lídia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Capinas: Autores associados, 2009. (Coleção formação de professores).

RODRIGUES, Valter Ferreira. **O ensino de filosofia como experiência crítico-criativa do filosofar: limites e possibilidades**. 2014. 234f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal da Paraíba, Faculdade de Educação, João Pessoa, 2014.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Trad. Lourdes S. Machado. São Paulo: Nova Cultural, 2005. (Os pensadores).

SILVA, Solimar Patriota, PEÇANHA, Ana Paula Bahia. A produção textual e as novas tecnologias: o uso de blogs para a escrita colaborativa. **Revista Escrita**. Rio de Janeiro, Ano 1, nº 15, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/20856/20856.PDF>>. Acesso em 25 de out. de 2016.